

CEDI

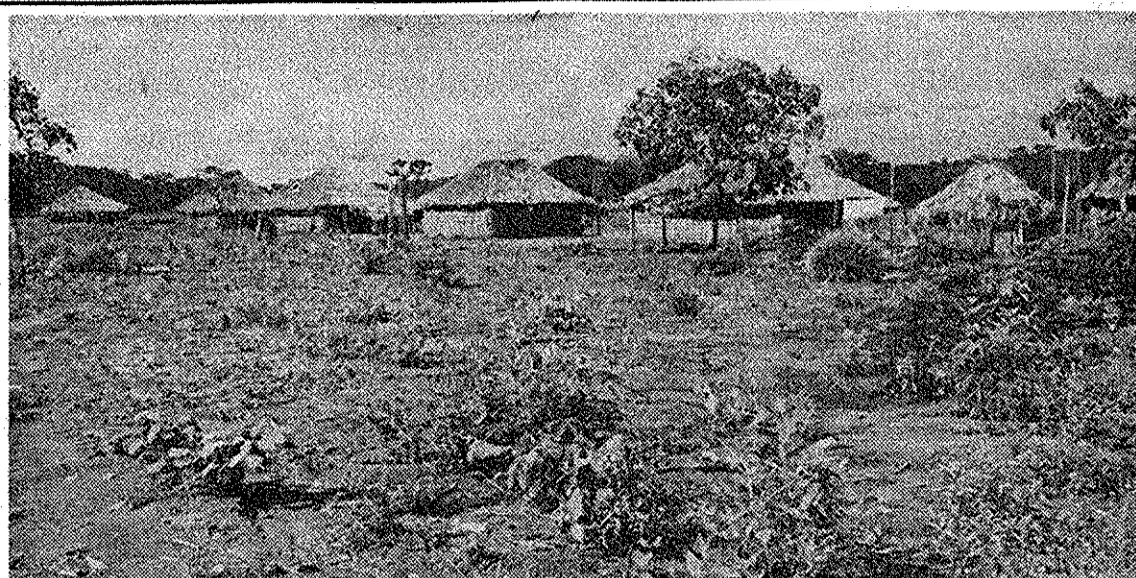
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

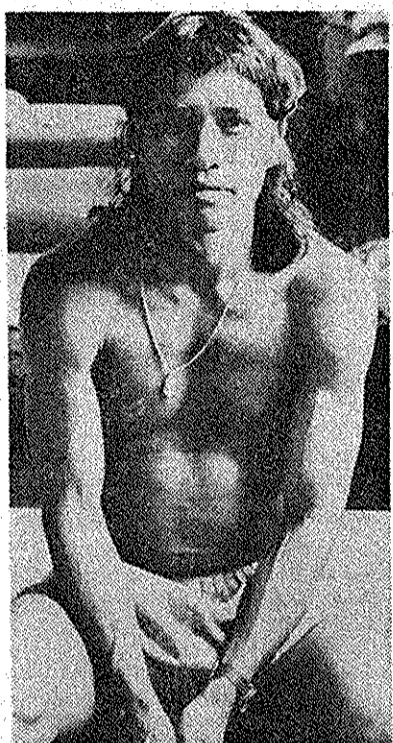
Class.: *Xavante 17*

Data: *17.03.73*

Pg.: _____



A aldeia dos xavantes em Areões fica confinada entre as cercas de uma fazenda



O índio se acultura mas mantém os seus hábitos



Benedito não teme morrer e fica na fazenda com sua mulher a espera de que a situação se defina

Xavantes podem entrar em conflito com fazendeiros

Mário Chimanovitch
Enviado especial

Rio das Mortes — Se a Fundação Nacional do Índio não der início imediato à demarcação das terras dos xavantes, em Mato Grosso, a situação, há muito tempo tensa na região, poderá se agravar de uma hora para outra, colocando em choque os violentos guerreiros da tribo e os fazendeiros, que temem a invasão de suas terras.

O enviado da Funai, antropólogo Hélio Rocha, desceu na aldeia de Areões, onde a situação é crítica. Ele foi levar aos índios novas promessas do General Bandeira de Melo de que em junho as demarcações estarão concluídas e os colonos e fazendeiros serão retirados de uma área superior a 200 mil hectares.

SEGREDOS

Todos os chefes de postos indígenas da região estavam proibidos, expressamente pela presidência da Funai, de deixarem o repórter ter acesso a qualquer uma das áreas sob a tutela do órgão. O chefe do posto de Areões, José Carlos, um carioca de 38 anos, ex-segundo-tenente do Exército e ex-acadêmico de Medicina, ao mesmo tempo que informava da proibição reconhecia que a situação poderia evoluir para pior a qualquer momento.

— Desde que cheguei aqui, em março do ano passado — disse ele — tenho controlado os xavantes, evitando que eles realizem qualquer ação de hostilidade contra os colonos e fazendeiros. Os índios ficaram muito satisfeitos quando o Presidente Médici assinou o decreto de posse de suas reservas, mas alguns fazendeiros têm afirmado que não vão abandonar as terras. Tenho explicado aos xavantes que é muito melhor para eles que tudo se resolva pela lei: violência e derramamento de sangue somente irão complicar ainda mais as coisas.

José Carlos adverte que também está proibido tirar fotografias e nega os boatos de que os índios tenham trocado mantimentos por armas, preparando-se para um conflito com os brancos.

— É uma inverdade, pois as armas que os xavantes têm lhes foram dadas pela própria Funai simplesmente para caçar. Essa notícia foi divulgada em Brasília e Goiânia por gente interessada em criar confusão. O índio planta — e o que ele produz, consome ou vende na cidade. Para adquirir outros bens, armas não.

CONFLITOS

Apesar de o diretor do posto indígena afirmar que está contendo os xavantes, muitos conflitos ocorreram em Areões desde que ele lá chegou. Os índios incendiaram paióis de fazendeiros, mataram gado, fazem ameaças de morte e confiscam

armas e ferramentas dos trabalhadores.

As informações sobre as hostilidades entre xavantes e brancos teriam ficado apenas nisso se nesse exato momento o bimoto da Funai, trazendo o antropólogo Hélio Rocha, não chegasse a Areões. Dezenas de guerreiros, armados de bordunas, flechas e rifles, com seus corpos pintados com tinta vermelha, de urucum, e preta, de jenipapo, formavam uma espécie de guarda de honra para o enviado do papal Bandeira de Melo. Os índios não queriam fotografias.

— É verdade — disse o antropólogo — que tempos atrás ocorreram alguns incidentes com os índios, que cobraram pedágio dos fazendeiros nas estradas. A demarcação ainda não começou por absoluta falta de verba. E' que já estávamos no final de exercício. Agora, até junho, tudo estará solucionado. Os fazendeiros vão ter que sair, pois estamos aí para defender e garantir os direitos dos índios. Nada de violência: o Artigo 198 da Constituição é a nossa melhor arma.

O antropólogo nega que vá haver problemas sociais com a desapropriação de 227 200 hectares, pois existem na área mais propriedades de que fazendeiros e posseiros.

— A Funai pretende fazer um levantamento rápido da área, de acordo com o novo orçamento para este exercício. Em junho, como já disse, a área estará totalmente demarcada e o pessoal fora dela.

ADVERTÊNCIA

Apesar da queixa dos fazendeiros vizinhos, o Sr. Hélio Rocha prefere afirmar que a situação é boa, e, mudando de assunto, chama a atenção para um detalhe que indica a boa vontade dos xavantes no sentido de uma verdadeira integração.

— Preste atenção nas casas da aldeia. Elas não têm mais aquela forma ovalada tradicional. Estão agora, por vontade exclusiva dos índios, tendendo para o estilo neo brasileiro. Não é uma beleza?

Em seguida pede que o repórter se retire da aldeia, pois ia conferenciar com os xavantes. Antes faz uma advertência:

— Vê lá: Os índios homens fizeram uma festa ontem, o Wal-A. Trata-se de uma cerimônia ritual só para guerreiros, nada mais. Com isso ele queria advertir que as cores preto e vermelho não eram pintura de guerra.

Desde que foram pacificados em 1946 pelo sertanista Francisco Meireles, no decorrer da expedição Roncador-Xingu, os índios xavantes sofrem os resultados de uma aproximação que, de um modo geral, tem sido essencialmente desastrosa a todas as tribos brasileiras: segundo levantamentos oficiais, nos 70 anos deste século já de-

sapareceram nada menos de 65 nações indígenas do país.

Reduzidos atualmente a cerca de um terço do número encontrado por Francisco Meireles, os orgulhosos e autênticos xavantes já não chegam a somar 2 mil pessoas. Vivem espalhados pelas miseráveis aldeias de São Marcos, Sangradouro, Pimentel Barbosa, Couto Magalhães e Areões, em condições semelhantes às de qualquer favelado urbano. A caça já não existe e são os esforços dos padres salesianos que têm conseguido atenuar as condições de duas dessas aldeias — Sangradouro e São Marcos.

INCIDENTES

Os incidentes têm se repetido em todos esses locais e são ainda os padres salesianos que têm conseguido refrear a vocação belicista dos xavantes. Para que se tenha uma idéia da situação em que vivem os índios, praticamente encurralados pelos fazendeiros, é preciso que se saiba que a aldeia de Areões se localiza dentro da Fazenda São Paulo.

O cacique Sam-Ré prefere o diálogo à guerra, mas o jovem Saé-Moá, chefe guerreiro, tem liderado os índios nas incursões contra os brancos. Na Fazenda São Paulo, uma propriedade de mais de 3 mil alqueires, todos os serviços de pastagens e lavouras foram interrompidos. Para o capitão, Antônio Caetano, de apenas 18 anos, os xavantes estão exigindo terra demais. Diz que índio é "gente desordeira", que vive a invadir fazenda e a causar problemas graves.

Já atacaram os peões — conta — tirando-lhes tudo: ferramentas, armas e até mesmo roupas. Já mataram vários animais nossos. Em agosto do ano passado, um bando deles, mais de 50 índios, nos colocou a correr. Agora estão sempre abrindo nossas porteiras, para que o gado invada a aldeia e assim eles tenham pretexto para matá-lo. Do jeito que a coisa vai, há fazendeiro por aqui que não vai continuar suportando isso não.

Na Fazenda Santa Lúcia, vizinha da aldeia xavante, a situação não é menos grave. Lá também pararam todos os serviços e ficaram apenas o capitão, Benedito Pereira, de 62 anos, e sua mulher. Ele estava com um tumor na virilha, "que dói muito", mas não se animava ir a Xavantina se tratar para não deixar a mulher só.

— Não dá, agora, para fazer nada. Quem pode trabalhar dessa maneira? Os índios aparecem por aqui bem armados, com carabinas e revólveres, com aquelas tintas no corpo, e dizem que devemos abandonar a fazenda, se não morremos. Os que arrendavam parte do nosso pasto e campo de cultura já suspenderam os contratos e foram embora, apavorados. Fiquei aqui com mulher porque estou velho e nada tenho a temer.